

GERAL

ÍNDIGENAS

# Arrendatários são retirados da Guarita

*A reserva caingangue no Alto Uruguai já esteve no centro de um dos maiores litígios de terra do Estado*

CARLOS WAGNER

Uma das mais longas e sangrentas disputas de terra está chegando ao fim no Rio Grande do Sul. Embora os caingangues sejam os donos oficiais da reserva indígena da Guarita, no Alto Uruguai, há muito tempo arrendatários clandestinos e madeireiros ilegais tomaram conta da área. A Guarita é um pedaço fértil do solo gaúcho: são 25 mil hectares localizados nos municípios de Tenente Portela, Redentora e Miraguai. Destes, 15 mil próprios para a lavoura mecanizada e o restante coberto por uma exuberante floresta de madeiras nobres.

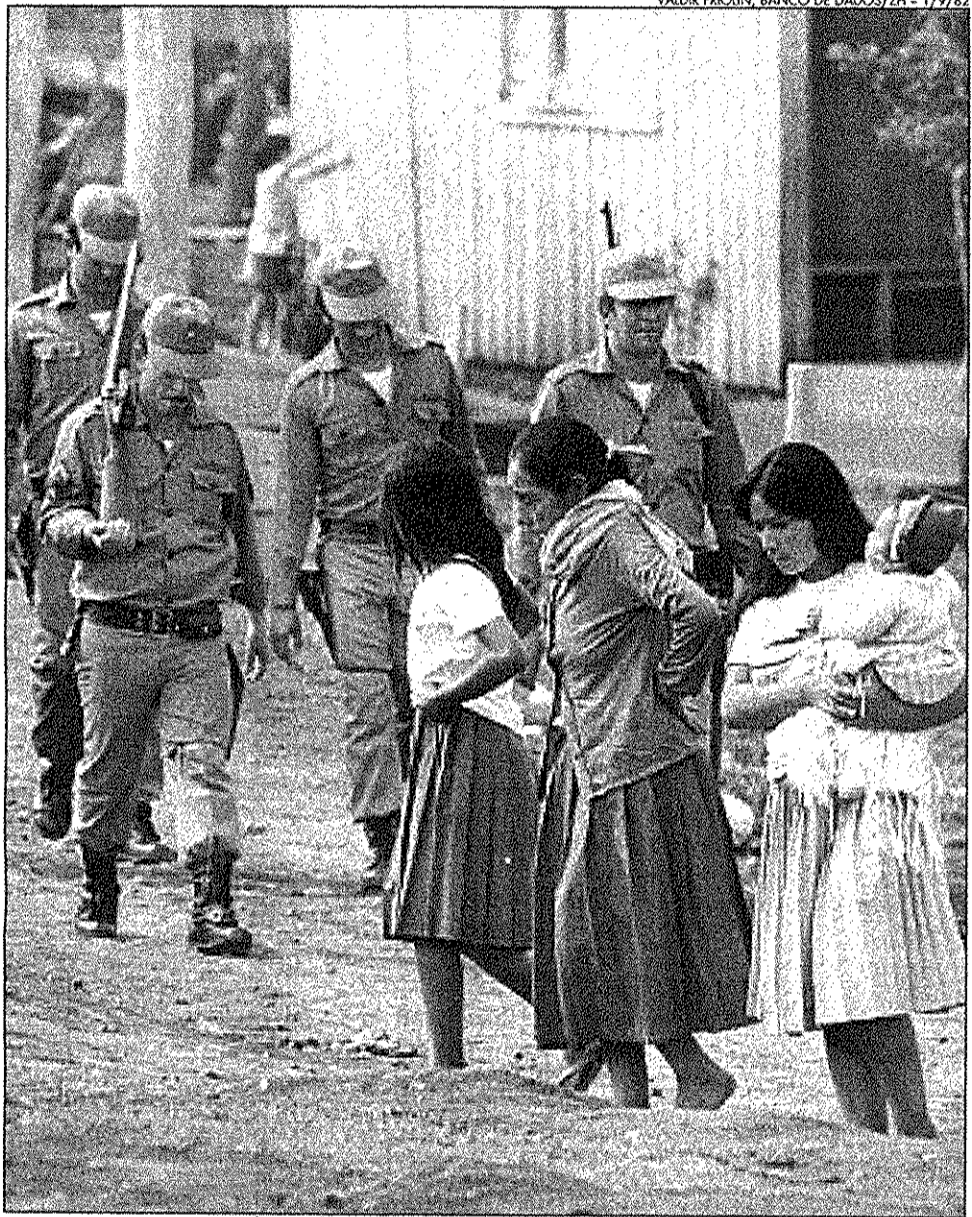
Só nos últimos 10 anos, a luta por essas terras deixou um saldo de 36 mortos – 30 índios e seis brancos – e dezenas de feridos. Depois de uma longa batalha judicial, a Fundação Nacional do Índio (Funai) se prepara para retirar os exploradores da área. “Esperamos tirar os últimos arrendatários ilegais até o início do próximo ano”, diz o responsável pela Funai no Estado, Glênio Alvarez. Dos mais de 500 arrendatários e madeireiros que ocupavam a área, restam em torno de 20.

A saída dos brancos da Guarita não significa uma vitória dos índios, mas um novo capítulo na história da comunidade de 3 mil caingangues. Os arrendatários foram embora e deixaram para os caingangues a miséria, uma alta mortalidade infantil, o solo exaurido e as florestas arra-

sadas. A reserva foi criada no início do século, quando o governo federal demarcou a área e a deixou aos cuidados do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Os arrendamentos era pagos diretamente aos funcionários do SPI, o que incentivou a corrupção. Para resolver o problema, o SPI foi extinto e substituído pela Funai, e o arrendamento, proibido.

Na Guarita, a situação se encaminhava para a extinção da tribo. Na época do SPI até cidades surgiram dentro da reserva, como Miraguai e Redentora. Apesar de os índios terem o título de propriedade das terras, eram os brancos que mandavam, por meio de um esquema baseado na corrupção dos caciques. Influenciavam a ponto de dividir a reserva em duas: a Guarita, comandada pelo cacique Domingos Ribeiro, de onde os brancos tiravam ilegalmente madeira de lei, e a São João do Irapuã, chefiada pelo cacique Ivo Sales, que vivia do arrendamento clandestino das terras para agricultores.

Armados pelos brancos, os caciques travaram várias lutas pelo domínio da tribo. Numa delas, em 1983, foram mortos cinco índios, e 14 ficaram feridos. A Constituição de 1988, assegurando o direito dos índios à terra, veio em socorro aos caingangues ao dar instrumentos jurídicos mais poderosos para a Funai enfrentar os arrendatários. No início dos anos 90, um movimento entre os jovens caingangues reunificou a tribo. Hoje, o cacique Valdir Joaquim é vigiado pelos jovens.



VALDIR FRIQUIN, BANCO DE DADOS/ZH - 1/9/82

**Discórdia:** incentivados pelos brancos, os índios tiveram várias brigas na reserva

**Entrevista: Sebastião Alfaiate**

*“A tribo não sobrevive sem o branco”*

Sebastião Alfaiate foi o cacique dos caingangues de 1964 a 1981, quando acabou derrubado por Domingos Ribeiro e banido da tribo. Foi a punição por ter aperfeiçoado o sistema de arrendamento clandestino e a venda ilegal de madeira. Aos 64 anos, ele hoje mora em Miraguai e sonha em ser cacique outra vez. Acredita que a tribo irá chamá-lo para trazer de volta os arrendatários e madeireiros para a reserva. Cercado pelos quatro filhos, enquanto tomava chimarrão com a mulher, Alfaiate falou a Zero Hora.

**Zero Hora – A tribo sobreviverá com a saída dos arrendatários da reserva?**

**Sebastião Alfaiate –** Não há como sobreviver sem o arrendatário, porque o índio não tem recursos para plantar.

**ZH – Mas a saída dos arrendatários foi uma exigência da comunidade indígena amparada pela lei.**

**Alfaiate –** Uma lei feita por brancos sem consultar os índios. Hoje os índios estão morrendo de fome.

**ZH – As lutas pelo poder na tribo podem recomeçar?**



FOTOS MÁRIO BRASI/ZH

**Alfaiate:** “Os índios estão com fome”

**Alfaiate –** Toda vez que ocorreu guerra entre os índios foi porque a tribo estava passando fome. Hoje, há muita gente sem ter o que dar de comer aos filhos.

**ZH – O senhor pretende voltar a ser cacique?**

**Alfaiate –** Tenho ouvido apelos de várias lideranças da reserva.

**Entrevista: Arnaldo Rover**

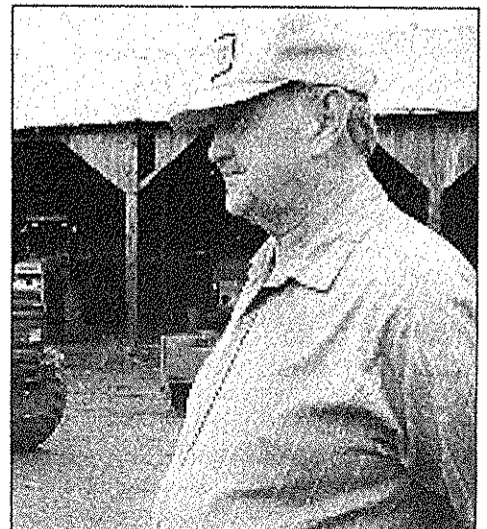
*“Ninguém ganha com esta situação”*

Nos anos 40, o então adolescente Arnaldo Rover chegou a Miraguai empoleirado na carroceria de um caminhão acompanhando os seus pais, agricultores pobres da região de Santa Cruz do Sul que migravam em busca de terra para plantar. Hoje, Rover está com 60 anos e é um dos mais abastados produtores da região. Ele foi um dos primeiros e maiores arrendatários ilegais da reserva indígena. Também será um dos últimos a sair de lá. Rover contou a Zero Hora um pedaço da sua história.

**Zero Hora – Muitos arrendatários fizeram fortunas nas terras indígenas. Saíram e deixaram os solos esgotados e abateram a maioria das madeiras nobres das florestas. A Funai vai pedir reparação destes prejuízos na Justiça. Qual é a sua opinião?**

**Arnaldo Rover –** Nós pagamos pelo tempo que arrendamos a terra. Primeiro pagamos aos funcionários do SPI e depois diretamente ao índios. Cabe a eles reparar os danos à terra.

**ZH – Com a saída dos arrendatários da área indígena, qual a quantidade de**



**Rover:** “A retirada é um erro da Funai”

**cereais que deixam de ser produzidos na região?**

**Rover –** Por cima, eu diria que umas 21 mil toneladas de grãos, que significam muitos empregos e uma arrecadação de mais de R\$ 700 mil de impostos. Ninguém ganha com esta situação. A Funai está errada ao retirar os agricultores da área.